

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO DAS MULHERES VASSOUREIRAS DO KM 04 EM JEQUIÉ, BA

ISIS ASSIS CHABI¹

CLAUDIA DE FARIA BARBOSA²

MARIA DE FATIMA ARAÚJO DI GREGÓRIO³

Resumo

as mulheres têm historicamente seus lugares estabelecidos na sociedade, determinados pelos interesses dos ideários dominantes e não por suas próprias vontades, sendo estas inferiorizadas e invisibilizadas. Este estudo visa investigar como as relações de gênero se desenvolvem no contexto das mulheres vassoureiras do km 04 em Jequié-BA, em seus contextos comunitários, suas relações de trabalho e as relações étnicas que atravessam suas vivências. Possui uma metodologia qualitativa por meio de apontamentos em uma pesquisa empírica em andamento e análises bibliográficas. Os dados revelam a visão social dessa atividade de trabalho, e a maneira como essas mulheres atuam em um cenário marcado por desigualdades e opressões, visualizando no trabalho informal a possibilidade de inserção no meio público e econômico, embora vivenciem cotidianamente situações de inferiorização e discriminação.

Palavras-chave: Gênero. Relações de trabalho. Relações étnicas.

Introdução

O conceito de gênero foi construído historicamente e relaciona-se diretamente à maneira em que as sociedades se organizam e direcionam os papéis e funções sociais de homens e mulheres, sendo influenciado diretamente pela realidade cultural, social e política.

As noções de masculino e feminino operam de maneira a definir comportamentos, relações, posições e até mesmo formas de educar de diferentes maneiras meninos e meninas desde muito cedo. Os múltiplos e conflituosos significados do gênero estão longe de serem resolvidos, no entanto, a forma como

¹ Mestranda no Programa de Pós graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade- PPGREC da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia (UESB). Pedagoga, integrante do grupo de Estudos Hermenêuticos em Família, Território, Identidades e Memória (GEHFTIM). isischabi4@gmail.com

² Professora do Programa de Pós graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, PPGREC da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, pesquisadora do grupo de Estudos Hermenêuticos em Família, Território, Identidades e Memória (GEHFTIM) e doutora em Humanidades. barbosa.claudiadefariabarbosa@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, PPGREC da Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, pesquisadora do grupo de Estudos Hermenêuticos em Família, Território, Identidades e Memória (GEHFTIM) e doutora em Família na Sociedade Contemporânea. f_digregorio@hotmail.com

ele opera culturalmente se exprime nas relações, sejam elas sociais, comunitárias, interacionais ou de trabalho

Nesse sentido, as relações de trabalho conseguem exprimir como as relações de gênero se desenvolvem em diferentes sociedades e contextos. Os marcadores definem desde a função que homens e mulheres podem, ou devem, desenvolver e influenciam até mesmo em sua remuneração. Os lugares destinados às mulheres nessas relações perpassam sempre aos lugares que remetem ao cuidado.

Dessa compreensão, a reflexão sobre a maneira na qual as relações de trabalho se estruturam e se desenvolvem no contexto das mulheres vassoureiras se mostra fundamental nos debates sobre a construção das relações de gênero.

As mulheres vassoureiras, das quais será dedicado o próximo tópico deste texto, em seus contextos de vida, são por vezes invisibilizadas e suas forças de trabalho são inferiorizadas diante de um mundo do trabalho ainda pertencente aos homens.

Isso está relacionado a história das mulheres na sociedade, famílias e trabalhos, bem como suas novas perspectivas no cenário atual. Dessa maneira pretende-se investigar como as relações de gênero se desenvolvem no contexto das mulheres vassoureiras do km 04 em Jequié-BA, em seus contextos comunitários, suas relações de trabalho e as relações étnicas que atravessam suas vivências

Este artigo é parte de uma pesquisa empírica de mestrado em andamento, aliada a análises bibliográficas, de abordagem qualitativa (MINAYO, 2011). Nessa abordagem, as questões de pesquisa não se sustentam na construção de variáveis, pois tem a finalidade de investigação de fenômenos, levando em consideração sua totalidade, complexidade e seu contexto natural

Este texto está dividido em quatro partes, além dessa introdução que explica o objeto da investigação mais ampla, na qual está atrelada a reflexão desenvolvida neste artigo. Na primeira parte, expõe-se os sujeitos da pesquisa relacionados com as problemáticas em estudo, na perspectiva da construção identitária das mulheres dentro da categoria de trabalhadeiras na produção artesanal das vassouras.

Na segunda parte, contextualiza as discussões sobre gênero, demonstrando um avanço nos estudos feministas a partir de categorias que compreendem gênero como uma construção social, relacionada às imbricações de poder e micropoderes.

Na terceira parte discute-se as relações de trabalho e suas singularidades dentro desse contexto específico e na quarta parte expõe-se a ideia dos atravessamentos que compõem essas mulheres em um grupo étnico relacionado com condições sociais de classe social, raça/etnia e gênero. Por fim, faz-se algumas considerações com a ressalva de que o estudo prossegue e delineamentos mais sutis e aprofundados serão percebidos e analisados na escritura do trabalho final.

1. O contexto das Mulheres Vassoueiras

A atividade de confecção de vassouras de palha artesanais é amplamente difundida na cidade de Jequié, região sudoeste da Bahia. De acordo com Ailton (1970), o ciclo da palha fez com que no passado a maioria da população jequeense de baixa renda tivesse como principal atividade a confecção de objetos de palha. Dentre estes tantos objetos a vassoura artesanal se destacou e tornou-se uma utensílio tradicional.

O bairro do km 04, situado na zona periférica da cidade, é reconhecido como um dos bairros de maior concentração dessa produção, tem em parte da comunidade uma área conhecida como "rua da palha", local onde tradicionalmente colocam-se em seus passeios a palha para secar ao sol e preparar a matéria prima para a produção.

No contexto de busca por alternativas de renda as famílias se organizavam em torno dessa atividade dentro dos lares. Dessa maneira, homens e mulheres compartilhavam diferentes funções na produção, no entanto, no imaginário coletivo construiu-se a ideia de que essas vassouras eram fruto de um trabalho somente masculino, reflexo de uma construção social e cultural, e esse ideário manteve invisibilizado as mulheres que atuavam e atuam amplamente nessa produção.

As mulheres vassoueiras do Km 04, em algum momento de suas vidas atuaram ou atuam na produção de vassouras artesanais de palha, utilizam essa atividade como fonte de renda para manutenção de suas famílias. Sendo elas, na maioria, chefes de suas famílias e tem nessa atividade a base da renda econômica de seus lares.

No contexto das vassouzeiras do km 04, a atividade de confecção de vassouras vai muito além de uma relação comercial, mas trata-se de uma alternativa na busca da produção de renda e na sobrevivência das famílias.

A história das mulheres não é somente delas, é também aquela da família, da crença, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, de seus amores e dos seus sentimentos (DEL PRIORE, 2000, p. 7).

As relações de gênero, nestes contextos, são então demarcadas pelos confrontos das relações de poder existentes e pelas condutas destas ainda no contexto familiar que impõe às meninas e mulheres desde muito cedo em posições subalternas.

2. Relações de Gênero

Reconhecendo à importância do estudo das questões de gênero, a compreensão dessa temática na contemporaneidade perpassa, contudo, pela compreensão das demandas históricas às quais homens e mulheres estão sujeitos.

Ao longo da história, as discussões sobre gênero e suas representações ganharam diferentes nuances e proporções. “Gênero é a lente de percepção através do qual, nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino” (SCOOT, 2012 p. 332). Neste sentido foi durante muito tempo concebido somente como “sexo” das pessoas, um código biológico recebido na concepção que definiria o indivíduo como fêmea ou macho.

Mais recentemente, por meio de demandas provocadas pelas discussões do movimento feminista e avanços na epistemologia feminista começou-se a entender, conceituar e utilizar “a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1989, p. 2), como uma construção identitária realizada de forma individual em interação com a sociedade e a cultura

De acordo com Scott (2012, p. 337) “indiscutivelmente, é a própria identidade da mulher que está em jogo nos debates sobre gênero”. O gênero é, portanto, um aparato social no qual se produzem e se normalizam as noções de masculino e feminino. Assim, a constituição da identidade feminina, de suas representações e funções surgem a partir dos preceitos e conceitos estabelecidos culturalmente pelas sociedades.

Conforme Connel e Messerschmidt “a dominação dos homens e a subordinação das mulheres constituem um processo histórico, não é um sistema auto reprodutor”, (2012, p. 260). Ou seja, o gênero é uma construção social e cultural que se coloca, em sua maioria, a serviço da dominação das mulheres pelos homens.

As representações são construídas, configuradas e reconfiguradas a partir das necessidades de cada sociedade, se tornando um padrão de práticas e costumes que possibilitam a manutenção do sistema de dominação de homens sobre mulheres. Conforme Rosemberg (1992), as relações de gênero estão imbricadas nas relações de poder, as quais hierarquizam homens e mulheres ao longo da história. Refletindo as relações de dominação que existem culturalmente nas sociedades.

As mulheres têm sofrido diversos tipos de inferiorização ao longo da existência e, em diferentes aspectos, isso não pode ser silenciado porque trata-se diretamente do desenho das relações de poder na sociedade. O exercício do poder também se dá associado aos discursos sobre os gêneros, os corpos e as sexualidades.

Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação, nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (FOUCAULT 2006, p. 183).

Pelo exposto deve-se pensar o exercício do poder no cotidiano de vida mais comum, e como este age por meio de diferentes instituições, entendendo-o como uma rede de relações que constituem as relações humanas. Portanto, as relações de gênero em diferentes contextos da sociedade sofrem impactos diretos dos mecanismos que atuam no exercício do poder, associados aos papéis de gênero.

3. Relações de Trabalho

As relações de trabalho podem se tornar indicadores de como as relações de gênero são vividas e se desenvolvem nas sociedades. As mulheres sempre tiveram questionadas suas capacidades de desempenhar determinadas funções e ocupar diferentes espaços, por isso muitas vezes discriminada apenas pela atribuição de gênero designada a elas. Dessa maneira, o espaço privado, restrito ao lar e ligado a reprodução, foi durante muito tempo atribuído somente a estas,

enquanto a ocupação do espaço público, espaço da produção, ficava a serviço dos homens.

Assim, exprime-se que a exclusão das mulheres em diferentes contextos e situações é uma construção histórica, que reflete aspectos sociais, culturais e políticos de cada sociedade. Tomando como base as atribuições de papéis, Hirata e Kergoat (2007, p. 599) discutem a problemática da divisão sexual do trabalho:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho remete historicamente a desafios, conflitos e discriminações relacionados as questões de gênero e a maneira como a sociedade as relaciona.

De acordo com Coutinho (2009), “as condições de trabalho são relativas as circunstancias nas quais ele ocorre, já os significados remetem aos diferentes valores e concepções”. Ou seja, as funções, papéis e representações das mulheres nas relações de trabalho refletem os desígnios e conceitos estabelecidos socio e culturalmente.

Nesse sentido, o gênero destaca-se como requisito necessário e imprescindível na estrutura e nas relações de trabalho. O valor do trabalho ganha diferentes proporções quando direcionados a homens e mulheres. conforme Perroux (2019, p.114), “o caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre dona de casa”.

O doméstico sempre pesou na vida das mulheres, de modo geral, em todas as sociedades, comunidades e contextos, particularmente nas camadas sociais mais inferiorizadas, apesar de elas muitas vezes trabalharem par a par com os homens, no entanto, sem ter as iguais condições e os mesmos direitos sobre o produto dos seus trabalhos.

Ainda, de acordo com Hirata e Kergoat (2007), existem dois princípios básicos na divisão de trabalho entre homens e mulheres: o princípio da separação, no qual existe a separação de trabalho de homem e trabalho de mulher e o princípio da hierarquização, no qual o trabalho desempenhado por um homem vale mais que o trabalho desempenhado por uma mulher. No contexto das vassoureiras, suas

forças de trabalho são, quase sempre, subcategorizadas como ajuda aos maridos e inferiorizadas como função de menor valor pela sociedade.

4. Atravessamentos por Relações Étnicas

Conforme exposto, a posição das mulheres na sociedade sempre esteve marcada por contextos de opressão e subalternização. Ao se tratar das mulheres negras, suas trajetórias, seus projetos e contextos de vida tem sido atravessados ainda mais pelas desigualdades sociais, que se desdobram em questões de gênero, raça/etnia e orientação sexual (BARBOSA e PIRES, 2021).

De acordo com Saffioti (1976, p. 89), a solidariedade entre elementos de uma mesma categoria de sexo subordina-se, pois, a condição de classe de cada um. Ou seja, diferentes marcadores atuam, de diversas formas, nos corpos de homens e mulheres.

Para uma mulher negra e de classe social inferiorizada a libertação econômica, por intermédio do seu trabalho, não é uma libertação integral, pois diferentes mecanismos de subordinação e interiorização atuam sobre suas vidas e seus destinos. Gonzalez (1984) aponta uma divisão racial e sexual do trabalho, em conformidade Poutinagt e Fenart (2001) chamam a atenção sobre a estratificação social e como ela atinge as identidades étnicas.

Quando as identidades étnicas estão fortemente correlacionadas a um sistema de estratificação socioeconômico (ou seja, quando as características fenotípicas ou culturais são associadas de maneira sistemática a posições de classe), a fronteira étnica superpõe-se a fronteira social, uma reforçando a outra (p.155).

Assim, os sujeitos não podem escolher manipular ou não suas identidades a depender do seu contexto de vida e do momento histórico específico. Na inter-relação de circunstâncias que acompanham as ações no cotidiano das mulheres vassoureiras do km 04, em Jequié, Bahia, verifica-se que essa possibilidade se correlaciona diretamente com a classe social e relações de trabalho que estas travam cotidianamente.

Algumas Considerações

Diante da discussão posta, a pesquisa mais ampla prossegue em curso, buscando investigar como as relações de gênero se desenvolvem no contexto das

mulheres vassouzeiras do km 04 em Jequié na Bahia. Ao fazer acompanhamento de suas ações individuais e comunitárias, para compreender as relações de trabalho vividas em consonância com as relações étnicas que atravessam as lidas cotidianas de mulheres, que carregam os ranços de uma sociedade colonizada, com fortes resquícios patriarcais e classistas.

Os padrões de gênero definidos socio e culturalmente pela sociedade definem os lugares sociais dos indivíduos e atuam diretamente em todas as suas relações, diferenciando-os por uma combinação entre categorias de gênero, classe social e etnicidades. Nas relações de trabalho e produção, desenvolvidas pelas mulheres vassouzeiras, essas definições exprimem-se de em marcadores sociais que agem sobre suas vidas e definem suas funções, papéis e representações ainda muito cedo.

Essas mulheres são condicionadas aos seus lugares e deveres, e isso fica ainda mais explícito em comunidades socioeconomicamente desfavorecidas. Nas relações de trabalho das vassouzeiras o gênero implica uma relação que, na maioria das vezes, o que é masculino é mais valorizado, conseqüentemente, refletindo os aspectos de uma construção histórica e cultural que destina a mulher o lugar de subalternização e inferioridade, por meio da atuação de diferentes mecanismos de poder.

Referências

BARBOSA, Claudia de F.; PIRES, Edmeire. O. Feminismos negros e decolonialidade. **Revista ODEERE**, vol. 6, no. 1, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/8468/5914> Acesso em: 22 out. 2021.

CONNELL. Robert W; W. MESSERSCHMIDT. James W. **Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650> Acesso em: 29 set. 2021.

Coutinho, M. C. (2009). **Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação**. Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho, 12(2), 189-202. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p189-202>

FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. In: MOTTA, Manoel Barros da. **Foucault: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense, 2006, p. 294-300

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. **Novas configurações da divisão**

sexual do trabalho. Cadernos de pesquisa, v.37, n. 132, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 20 out. 202.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias das Etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth / Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart; tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROUT, Michele. As mulheres, o poder, a história. In: Perrout, Michele. **Os excluídos da história.** 3 ed. 1988 (trad. Denise Bottmann. Les femmes, Le pouvoir, le historie. In Perrout, Michele (org.) Rio de Janeiro; Paz e terra, 2019.

PRIORE, Mary Del (Org.) **História das mulheres no Brasil.** 2ºed. São Paulo; contexto, 1997.

ROSEMBERG, F. **Educação formal, mulher e gênero no brasil contemporâneo.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8638.pdf> . Acesso em 04 out. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes:** Mito e Realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCOTT, Joan. **Usos e abusos do gênero.** Trad. Soares, Ana Carolina E. C. Revista Puc. n. 45, p.327-251. São Paulo, 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018/11212> Acesso em 25 set. 2021.

_____. **Gênero uma categoria útil para análise histórica.** Trad. Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott-Gender: a useful category of historical analyses. Gender and politics of history. New York, Columbia University Press, 1989.